



verve

Liberdade com **verve**

liberdade com *verve*

*Conversação do Nu-Sol com Edson Passetti, Salete Oliveira, Andre Degenszajn, Thiago Rodrigues e Acácio Augusto, integrantes presentes desde o primeiro número de **verve**.*

— *Como apareceu a revista **verve**?*

Edson — Palavra **verve**. Eu só sei que essa palavra rondava minha cabeça desde pequeno. Rodava na vitrola de som estereofônico no selo de um disco de jazz ou do Frank Sinatra. Anos mais tarde, *anarquia* passou a habitar minha existência, ganhar outros modos acrescentados às conversas boas que ouvia sobre a liberdade. **verve**: conversa animada, bem-humorada, um jeito estranho de fazer, com um tanto de invenção. No ano 2000, quando decidimos fazer uma revista anarquista para os dias de hoje, depois da intensa experimentação com os seis números de *libertárias*, a palavra **verve** veio para dar nome à revista e ao nosso jeito de fazer autogestão (apareceram outras palavras-título como *cisalhã*, mas um bom encontro prévio com Thiago Rodrigues deu em **verve** e na preparação de sugestões para a capa, que depois o Andre Degenszajn inventou como quis e era o que queríamos). **verve** para resistir, produzir antipoder, inventar práticas de liberdades. **verve**, escrita em letras minúsculas, como também gosto de escrever aos meus amigos, no traçado do poeta e.e.cummings e reencontrado, recen-



temente, no escritor valter hugo mãe. Neste jeito anticonvencional estão escritos seus editoriais, desde o número 3, e a sua abertura instigando o leitor com o *atiça-me!* **verve** também apareceu porque tivemos ao nosso lado a presença de muitos anarquistas, abolicionistas penais, foucaultianos, além do incentivo das coordenações e de professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, desde 2002.

— *Quem a lê e como é lida?*

Andre — A **verve** não é uma revista para todos. Ela exige e atrai leitores interessados, que se encontram de diferentes maneiras, em lugares diversos e momentos específicos. São estudantes, jovens e maduros, são anarquistas ou pesquisadores interessados na construção de espaços de liberdade e dispostos a habitar limiares. A revista circula por universidades e centros de pesquisa no Brasil e no exterior, levada por pesquisadores do Nu-Sol, autores, colaboradores e amigos interessados em fazê-la circular. Transita por livrarias, mesmo com todos os obstáculos burocráticos, pelo incansável trabalho de se esquivar dos atravessadores. É vendida de mão em mão e também em feiras anarquistas por todo Brasil.

— *Como é fazer uma revista autogestionária?*

Acácio — **verve** é uma revista que faz, grava e publica anarquismos e abolicionismo penal. A prática autogestionária em seu fazer e existir está relacionada tanto à referência histórica aos anarquismos quanto aos modos como experimentamos, em cada dia, a feitura da revista.



verve

Liberdade com **verve**

Com **verve**, e outras produções do Nu-Sol, aprendemos que a autogestão é um modo de fazer e um jeito de usar, na relação entre os que fazem e para quem lê, escreve e acompanha a revista. Autogestão como diluição de hierarquias e como lidar com regras móveis. Se a autogestão, desde Proudhon, é mutualismo econômico e federalismo político, com **verve** atualizamos e experimentamos essas práticas em combate com um presente no qual até mesmo a palavra autogestão se encontra nomeando práticas que em nada se referem à recusa do governo. A autogestão se dá na não fixação das atividades que envolvem a feitura da revista; na aposta de que não é preciso uma certificação de diagramador, tradutor, articulista para se fazer um objeto que apresenta as pesquisas e os embates políticos de nossa associação. Da mesma maneira que se reconhece a autoridade da experiência e o querer de cada um em se lançar a diagramar, traduzir, escrever, pesquisar. Não há dissociação acadêmica entre forma e conteúdo. **verve** é um objeto autogestionário que resulta de uma prática autogestionária; ninguém determina a quem chega como se faz, mas se aprende fazendo, com quem generosamente convida a entrar nessa árdua e prazerosa prática libertária. Para se chegar ao objeto **verve**, o Nu-Sol seleciona, traduz, revisa, edita e diagrama todos os textos, imagens e poesias que chegam às mãos de seus leitores. É assim, enquanto ainda não possuímos uma gráfica própria para impressão e encadernação da revista, única atividade que não realizamos, e para tal arcamos com os custos, dispondo dos recursos da própria associação, com a cotização de seus integrantes e a venda das revistas.

Andre — A **verve** é um objeto, publicada semestralmente em formato impresso e disponível também em meio digital. Ela é lida pelos textos, imagens e poesia que atravessam



a revista e arranjam uma composição única. Com o leitor cuidadoso, estabelece uma conversa com outros números e com outras produções e intervenções do Nu-Sol. Alimenta e dá voz às nossas reflexões, como núcleo de pesquisa interessado em fazer circular parcerias contemporâneas sobre anarquismos, que dialogam com textos clássicos traduzidos que são garimpados e oferecidos ao leitor.

Acácio — **verve** não se perde no inacabado de uma sociedade governada por fluxos contínuos e velozes, afeita às colaborações e os compartilhamentos como pré-requisito. Afirma uma prática que não se confunde com fórmulas acabadas, tampouco como postura estanque. Alimenta-se da memória das lutas de longa data; memória viva dos que lutam nela, por ela e em torno dela e do ardor dos que chegam com disposição para o combate. Existe como maneira de trazer aos leitores de língua portuguesa textos fundamentais, muitas vezes esquecidos em arquivos ou antigas publicações; com a divulgação de resultados de pesquisas realizadas por experimentados pesquisadores; arrisca-se em apresentar novas pesquisas e resultados de iniciais investigações. Não reconhece a autoridade de títulos, fama ou indexações, mas o envolvimento e a potência de pesquisas realizadas com rigor e vigor. Afirma a sagacidade de expor diferenças sem relativizações ou nivelamentos. Em seus vinte e um números encontram-se textos que demoraram mais de um século (isso não é uma figura de linguagem) para aparecerem em língua portuguesa; artigos que se tornaram referência para as pesquisas individuais dos integrantes da associação; breves artigos e resenhas de jovens pesquisadores que, além de serem apresentados publicamente, alimentaram o fogo para continuidade de trabalhos de uma vida inteira. Al-



guns com passagens breves, amigos próximos e outros distanciados, mas que, no conjunto, marcam a coragem de quem enfrentou conveniências para inventar um objeto marcado pela generosidade e pela exatidão comprometidas de quem não pesquisa para corroborar o que já se encontra instituído; dos que não se perdem no choque reativo dos cânones; dos que mostram ser possível fazer diferente, sem se render às seduções do poder. Mostra o que é aprender fazendo, alheios ao proselitismo e à retórica. A alegria de um jovem pesquisador ao ver o trabalho de mais de um ano publicado em papel alimenta o frescor das pesquisas que se apresentam em **verve**.

— *E como é a **verve** para o povo do Nu-Sol?*

Salete — A **verve** é uma revista generosa. Se a gente aguçar o olhar a cada número, é possível extrair deles um tanto imenso dos percursos da própria revista como também do trabalho autogestionário do Nu-Sol por meio de suas práticas, e ao que isso dá forma e que não cabe em fôrmas. De suas pesquisas, de suas lutas, de suas novidades e arrojos e das gentes que os atravessam, dentro e fora do Nu-Sol. De jovens que se aproximaram dela, seja lendo-a, seja publicando nela, seja aprendendo a fazer uma revista autogestionária na lida com ela. A **verve** foi e é para muitos jovens estudantes e jovens pesquisadores espaço para suas primeiras publicações de resenhas e artigos, exercícios iniciais de tradução, divulgação de resultados de primeiras pesquisas, de descobertas de autores rebeldes, de práticas libertárias insubmissas... A **verve** também sempre conver-sou e abrigou nossos colóquios, que sempre foram abertos para fora da universidade, assim como nossas atividades



externas, as *conversações* públicas, as *intervenções urgentes*, aulas-teatro, os antiprogramas veiculados na TV-PUC e em dvd. Tudo isso, sem grana alguma, viabilizado pela economia autogestionária do Nu-Sol e elaborado com a mesma delicadeza estética que acompanha o tom de cada **verve**. Foi e é na **verve** que percursos de pesquisas libertárias do Nu-Sol e de fora dele, suas inquietações, resultados parciais e finais, redimensionamentos e avanços, enfrentamentos políticos, encontram-se em parte publicados e divulgados. Sob a forma de artigos, resenhas, traduções de textos inéditos em português ou esgotados e, especialmente, textos de estudantes a partir de suas pesquisas de projetos de iniciação científica. Não estou sendo repetitiva, mas enfática! A **verve** também é uma fonte de referência para cada um de nós, em nossas pesquisas específicas e em projetos mais amplos, em nossos escritos, em nossas urgências e nas relações que a partir dela estabelecemos na PUC-SP e em outras universidades e que, por meio delas, também conversamos dentro e fora da universidade. E não como um recurso auto-referido ou endógeno, mas porque a **verve** é e permanece como uma revista de referência em ressonância com as linhas de pesquisa do Nu-Sol, não só aqui no país, mas em outros lugares estrangeiros. E isto, também, advém do fato de que ela jamais se fez por nivelamentos, equalizações e uniformidades. E nisso se encontra um de seus alvos políticos em sua estética que atravessa sua existência e sua permanência. A **verve** faz anarquias sim, mas porque antes de qualquer coisa ela anarquiza a gente.

— *A vervedobras emerge na décima oitava edição e leva, como afirma o editorial, “o eletrônico e o papel em novos tatos”. Como irrompeu esta invenção?*



Thiago — O Nu-Sol já pratica, há alguns anos, experimentações eletrônicas acompanhando a atenção aos fluxos computo-informacionais na sociedade de controle. O interesse analítico e político nesses fluxos levou o núcleo a atravessá-los com práticas como o site, o *hypomnemata* e as *flecheiras libertárias*. A própria coleção da revista **verve** está disponível em nosso site (www.nu-sol.org), com versão completa de cada número esgotado. Hoje, publicar revistas acadêmicas em versões digitais consolidou-se como tendência e recomendação das agências de fomento estatais e dos parâmetros de qualidade acadêmica estabelecidos nacional e internacionalmente. Tornou-se comum que as revistas em papel ganhem versões eletrônicas ou, até mesmo, que deixem de circular impressas, restando apenas a edição digital. A experimentação eletrônica na **verve**, no entanto, é diferente disso. A **verve** circula impressa e posteriormente é disponibilizada eletronicamente desde seu início. É o nosso jeito! A partir do número 18, em 2010, começamos a fazer **vervedobras**, publicação eletrônica disponível na página do *Nu-Sol*, que, desde então, aparece simultaneamente à edição impressa. **vervedobras** estabelece conversações e desdobramentos dos artigos, ensaios e intervenções artísticas da revista impressa que podem ser lidos nos dois sentidos, ou seja, da página para o digital e dos fluxos novamente para o papel. Assim, **vervedobras** não é um apêndice eletrônico da **verve** impressa, um complemento ou anexo para sobras de material. Ao contrário, **vervedobras** é um espaço que compõe com a **verve** impressa uma experiência articulada que rompe os limites da materialidade, explorando limiares, como disse o Andre. Os recursos eletrônicos permitem que, em **vervedobras**, sejam usadas cores, textos e imagens, pensados



não como recursos ilustrativos, mas táticas para produzir novas experiências estéticas. **vervedobras** é para ser lida com a *verve* no papel ou com a *verve* em pdf no site, conforme as perspectivas e interesses do leitor.

Andre — **verve** é uma revista estranha. É acadêmica e densa, mas jamais sisuda. Articula textos com intervalos compostos por imagens, poesia e outras intervenções que criam ruído e dão movimento à leitura da revista. Há um cuidado estético pouco habitual em publicações anarquistas – da tipografia generosa que favorece a leitura, aos respiros e intervalos que trazem outras referências para compor com o texto escrito. **verve** não se leva a sério (no sentido de sisudez, da prudência, sensatez e bom senso), mas valoriza seus leitores e colaboradores. Transita por limiares e não se adequa aos modelos e formatações tão valorizados pelos vários indexadores. Ela é menos e mais. Fazer a **verve**, com *verve*, é reinventá-la a cada número. E com ela, reinventar também o Nu-Sol e cada um.

— *Como são escolhidos os artistas e intervenções artísticas na **verve**?*

Thiago — A arte presente em **verve** vibra no pulso da liberdade que interessa ao Nu-Sol em suas práticas e pesquisas: a vida livre dos absolutos, dos condutores de consciência, dos universais. Artistas e suas invenções ocupam páginas e espaços na revista com gravuras, poemas, ensaios sobre arte e artistas, ensaios dos próprios artistas, desenhos, textos teatrais, fotografias. Nessas páginas estão artistas jovens e mais experimentados, de hoje e de ontem, brasileiros e estrangeiros, explicitamente anarquistas ou não, mas com atitude – na pena, no pincel e nos ângu-



los – que subverte cânones tanto da *bela arte* quanto dos programas vanguardistas. A arte que atravessa as edições de **verve** não é engajada no sentido militante tradicional; ela é *política* enquanto uma ética-estética libertária; ela é *de luta* na perspectiva em que se compreende a vida como *agonismo*, combate no qual não se aparta arte e política, e tampouco se entende uma como complemento ou a serviço da outra. Os artistas escolhidos chegam a partir de conversas, vivências, lembranças, descobertas, gostos, sugestões, experimentações que propiciam bons encontros com formas inquietantes de arte. Notar os artistas e o que se publica em arte e sobre arte a cada **verve** possibilita saber algo dos percursos de pesquisa do Nu-Sol em um dado momento, estar com suas inquietações, incômodos e alvos políticos e analíticos. Na **verve**, as imagens e palavras de e sobre arte compõem conversações com os artigos e reflexões, não sendo meras ilustrações do que se diz ou complementos gráficos do que se lê. A arte em **verve** articula análises e afirma uma perspectiva libertária. Publica-se, também, arte dos pesquisadores do Nu-Sol, como poemas, desenhos, traduções e ensaios que afirmam um modo próprio de pesquisar e produzir numa articulação que não dissocia o trabalho acadêmico das experiências artísticas: a subversão da e na linguagem acadêmica potencializada pela liberdade de pensar e praticar com arte.

Edson — **verve** está na história das publicações anarquistas com jornais, revistas, panfletos, fanzines, enfim oferece textos curtos, aforismos, pequenos poemas, mas também artigos e ensaios, resenhas, ilustrações para serem apreciadas no conjunto ou nos intervalos divisores de temas em cada número. **verve** é uma revista de anarquismos e abolicionismo penal libertário voltada para a *cultura liber-*



tária que se faz rompendo com a continuidade da educação ocidental pelo castigo e a recompensa. **verve** expõe o Nu-Sol, os jovens pesquisadores, os militantes e suas práticas, gente que gosta de transitar pelo lado de *fora* dos regimes de autoridades. Está voltada para análises da história do presente, enfrentando as moderações e as conservações.

— **verve** é uma revista anarquista?

Edson — **verve** conversa com anarquismos. Isso mesmo, no plural. Uma singularidade que não cessa de se diversificar. Não é uma revista pluralista porque não pretende homogeneizar as diferenças. Em **verve** vale toda a história dos anarquismos e suas inquietações atuais; ela permanece livre dos *istas*. Certa vez, aprendi que no interior das igualdades as diferenças devem ser sublinhadas; estas são ao mesmo tempo *isso* e *aquilo*. É a declaração da conversação realizada entre os diferentes na igualdade, ou seja, entre os que praticam liberdades. **verve** não pede licença, não pretende ser condutora de consciência e muito menos subordinar-se a qualquer condutor. Os anarquismos são múltiplos e é assim que os praticamos, livres de qualquer absoluto. Os anarquismos se fazem na prática e não a partir da Ideia.

— *Quais as dificuldades hoje para se fazer uma revista como a **verve**?*

Salete — Hoje? Nunca foi fácil fazer a **verve**. E se a gente aprecia cada instante e gesto livre e minúsculo do que faz, ali onde se faz, aprendendo a fazer fazendo, isso provém das marcas de uma saúde muito nossa, de uma coragem física, de uma liberdade intransferível que não



verve

Liberdade com **verve**

cai do céu nem dá em árvore e nem advém da lei ou de decreto algum. E aqui eu não me refiro só a um trabalho de confecção. Mesmo porque para gente, no Nu-Sol, jamais tratou de confeccionar um produto. A **verve** é uma *invenção* do Edson, *invenção*, esta palavra e esta prática tão *próprias* dele. E isso não tem nada a ver com criação. Eu lembro como se fosse hoje, do dia em que ele virou pra gente e disse: *tá na hora do Nu-Sol ter uma revista, uma revista autogestionária e que lhe seja própria*. Havia urgências precisas e nós nos atiramos mesmo diante de incontáveis dificuldades. Uma coragem física. Dificuldades que não cessaram de ocorrer a cada número. Por isso, também, a **verve** é um objeto pelo qual o Nu-Sol dá forma a práticas de liberdade e não a um produto. Para mim, a **verve** é um acontecimento visceral no Nu-Sol. Sabe como é? Fogo vivo.

— *E o abolicionismo penal?*

Edson — **verve** é abolicionista penal libertária, está no interior do enfrentamento com culturas voltadas para a relação de educar com base no princípio da punição e da recompensa que justifica os fantasmas que devem governar nossas existências desde crianças; que fortalecem prisões para presos políticos e comuns. Todo preso é um preso político e os encarcerados são objetos de dominação, assim como suas famílias. A prisão, assim como os manicômios, combinados ou não com medidas *alternativas*, é o terminal necessário para a proteção do capitalismo e do socialismo autoritário. A prisão precisa vir abaixo. O mais urgente é acabar com prisões para jovens. O que mais incomoda, hoje em dia, não é só o conformismo com



a prisão, suas reformas, as novas facetas do direito penal e a democracia como panaceia. É que um tanto de pessoas esqueceu que a propriedade é um roubo, como bem analisou Proudhon. O abolicionismo penal libertário começou com o Nu-Sol. Aproveito para convidar, mais uma vez, os leitores libertários a consultarem nossos *verbetes abolicionistas* (<http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=58>) e a remeter sugestões.

— *Quais são as maiores adversidades em editar uma revista anarquista como a **verve** hoje?*

Acácio — **verve** é uma revista que expõe, apresenta, se expõe e se apresenta. As dificuldades em se manter por dez anos existindo são inúmeras. Dentre elas os preços de papéis, impressões e trabalhos gráficos. No entanto, ainda que sofra com as variações de preços da celulose (volátil ao sabor do preço do dólar, ainda que o Brasil seja o maior produtor dessa matéria-prima), a revista não variou de preço nesses dez anos. Fazemos a revista para quem gosta de ler. Para quem se interessa longamente ou pontualmente por anarquismos ou abolicionismo penal. Assim, realizamos lançamentos em espaços queridos nossos da PUC-SP, como o Museu da Cultura e o TUCA, e levamos a revista em nossa bagagem. Montamos banquinha, presentamos novos e velhos interessados, vendemos para quem se aproxima. Como não somos uma editora (uma empresa), não preenchemos os requisitos jurídicos da maioria das livrarias e distribuidoras do país. O que não impede que a revista tenha uma boa distribuição nacional, a partir de locais e bibliotecas das universidades ou de pedidos via internet, e uma distribuição internacional,



também contando com a disposição de amigos e interessados e o serviço de postagem, realizado por integrantes da associação, como já foi dito. Não vivemos apartados de um mundo que se pauta pelo valor da propriedade e a exploração do trabalho, e diante disso, driblamos libertária e heterotopicamente essas dificuldades, sem lamúrias ou queixumes, outro traço de uma produção autogestionária que não acredita em um futuro redentor. A maneira de viabilizarmos materialmente a feitura de **verve** também se dá num embate ético com as pressões do mundo capitalista. Não o desconhecemos, mas não o reconhecemos; tampouco nos prostramos como fatalistas diante do inevitável. Para nós, não há determinação, há luta e nela avançamos segundo *nossas* forças.

— *Como vão os anarquismos?*

Edson — Hoje em dia, ainda há uma presença forte do bakunismo, muitas vezes até como disputa pelo verdadeiro anarquismo. Efeito das lutas e das reconstruções históricas; efeito dos pontos em comum com o marxismo (na análise econômica) que produz proximidades pouco imantadas e, por vezes, retóricas. A atual tematização da ecologia fortalece o *naturismo*, práticas atuantes dos anarquistas desde os registros de Élisée Reclus, a partir de John Zerzan; redimensiona a discussão sobre o federalismo e o municipalismo voltada para mudanças imediatas na *urbe*, no sentido de restituir o sentido democrático direto desde a *polis* grega, com Murray Boockchin. Há também os novos instigadores de práticas anarquistas remetidas às contingências do presente, como Hakim Bey. Os renovadores do bakunismo voltados para o movimento antiglo-



balização, desde o final da década de 1990, com Andrej Grubacic e David Graber, situam atualidades dos anarquismos. Curiosamente, todos estadunidenses. Bakunin tinha razão quando afirmava, no final do século XIX, que os Estados Unidos se tornariam a grande potência e que a Europa vivia o seu esgotamento. Hoje, entretanto, os confrontos se estabelecem deslocados destes dois polos, há novos agrupamentos político-econômicos de Estados, mas também diferenciais anarquismos acontecendo. Para fora da disputa pelo verdadeiro anarquismo, a análise de Bakunin permanece esclarecedora, mas não pode assumir ares de exclusividade. Há também os que se chamam de pós-anarquismo (termo equivocado) relacionado à produção mais recente, com base nas indicações filosóficas de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Daniel Colson, Saul Newman, Salvo Vaccaro, Margareth Rago, Silvio Gallo... e os integrantes do Nu-Sol situam-se neste segmento, muitas vezes, sublinhando nada ter em comum com o prefixo, mas voltando suas armas escritas para o presente, repleto de história da anarquia. Então, nós também andamos com Proudhon e a análise serial, com Max Stirner, com muito gosto, com Sébastien Faure, a educação livre e a *Enciclopédia Anarquista*, com os costumes inventados com Émile Armand, a generosidade de Errico Malatesta, a presença de Piotr Kropotkin, a resistência ao insuportável com Émile Henry, a nossa história dos anarquismos no Brasil arquivada por Edgard Leuenroth e Edgar Rodrigues, as conversações prazerosas com Roberto Freire, e com os muitos anônimos, seus jornais, suas peças de teatro, sites, editoras e vídeos. E por isso mesmo, também publicamos em **verve** nossas aulas-teatro, apresentadas desde 2007, situando análises anarquistas sobre o planeta. Há, no Brasil,



verve

Liberdade com **verve**

outras proximidades de **verve** com a revista *Letralivre*, de vida longa, sediada no Rio de Janeiro, e levada adiante por Robson Achiamé e, em Portugal, com a revista *Utopia*, com o inclassificável anarquista José Maria Carvalho Ferreira. Os anarquismos não dependem de avaliações, mas de diagnósticos e a **verve** faz isso. **verve** é uma revista autogestionária de atitudes, **saúde!** Nossa décima-primeira aula-teatro, nos dias 21 e 22 no Tucarena, aqui na PUC-SP, com ingresso gratuito, chama-se: **saúde!**

Todos — **Saúde!**

